

Atualidade de Euclides da Cunha

Pelo Dr. LUIZ DE BARROS
(Ceará)

São decorridos 44 anos do brutal assassinato de Euclides da Cunha. E o que se observa ainda hoje é a atualidade viva de muita coisa da obra euclidiana, embora algumas de suas teses estejam superadas e os conhecimentos científicos e históricos à dia passem por aceleradas revisões.

Isso vem demonstrar a importância capital do autor de "Os Sertões", que se integrou profundamente nos mais áridos problemas nacionais, examinando-os com seguro critério, agudo espírito científico e uma sinceridade a toda a prova.

O decurso do tempo cada vez projeta mais a obra de Euclides da Cunha em todos os quadrantes do Brasil e do exterior, sendo de notar que só nos Estados Unidos já se divulgaram mais de 60 mil volumes de "Os Sertões".

Essa consagração evidencia, claramente, a atualidade de Euclides da Cunha.

Por isso, quando, em 1949, houve uma torpe difamação contra a vida privada do inesquecível escritor, surgiu uma onda de protestos dirigida por alguns escritores e estudantes, que deram a devida resposta a quem, depois de roubar a vida, tentou, inhabilmente, aliás, enlamear a honra de um dos mais lídimos valores da nacionalidade brasileira.

II — O FIM DO IMPÉRIO

Euclides teve a infelicidade de pertencer à geração mais desorientada que já viveu no Brasil.

Nascido em 1866, assistiu, de perto, a todos os fatos que, a partir de 1870, ano decisivo de nossa história, abalaram e derubram a estrutura moral e política que depois de 1822 se criou no Brasil-Imperio.

Por isso, sofreu a influência de muitos fatores negativos, inclusive da filosofania positivista, que mais de uma vez empanou o brilho de sua inteligência e prejudicou o seu agudo senso crítico.

Mas, ainda assim, rompeu com muitos erros e preconceitos, fazendo um extraordinário esforço para aclarar seu espírito e sua superior inteligência. E conseguiu, em grande parte, esse objetivo, integrando-se na realidade brasileira e conhecendo perfeitamente os maiores problemas nacionais, para os quais soube alvitrar boas soluções.

Ora, para um espírito formado no Brasil, depois de 1870, isso representa uma tarefa verdadeiramente gigantesca.

Terminada a guerra do Paraguai, o país vai sofrer decisivamente a influência de inúmeros fatores negativos, que rompem abruptamente o nosso tradicionalismo e levam o Império liberal, de arremesso em arremesso, até ao desfêcho de 15 de Novembro de 1889...

A questão religiosa, o materialismo jurídico, a escola de Recife, questões militares, o advento da escola realista em nossa literatura, o positivismo no sul do país, a nefasta influência da caudilhagem platina, o colapso progressivo da autoridade imperial e uma admiração quasi histérica pelos Estados Unidos, só pelo fato de aquela grande nação ser uma república e um abolicionismo romântico e palavroso, eis alguns aspectos de tão sombrio quadro.

A desmoralização da guerra do Paraguai, feita pela filosofania positivista, a ponto de seus bravos veteranos serem vaiados nas ruas do Rio de Janeiro; o ceticismo voltaireano de D. Pedro II, descuidando os próprios interesses do regime e se dizendo republicano; o fato incrível, mas verdadeiro, de titulares do Império atacarem desabridamente o próprio império, a politicagem dos partidos dessorando as energias nacionais, sem nada resolver, e explorando e criando graves questões entre as classes armadas e o po-

der civil, uma propaganda republicana ruidosa, ôca, sem abordar nenhum problema nacional, como dão claro testemunho Oliveira Viana, Agripino Grieco, Carlos Maximiliano, Euclides da Cunha e outros, tudo isso faz-nos crer que a geração do fim do império foi, de fato, a mais desorientada que já viveu no Brasil...

II — CANUDOS — O MAIOR DRAMA DE NOSSA HISTÓRIA

É extraordinário o esforço de Euclides da Cunha para se afastar de tão graves erros e deformações.

E conseguiu isso não só por sua cultura científica, como pelas viagens que empreendeu no interior, assistindo ao cerco de Canudos e percorrendo o Amazonas, fatos que reputo capitais na vida do grande escritor.

Sem esse contacto direto com o sertão e a região amazônica, é de crer que Euclides nunca se tivesse integrado tão bem com os mais áridos problemas nacionais, e tivesse deixado uma obra muito inferior à que soube construir.

Hoje, lemos e admiramos Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, mas, francamente, não podemos estimá-los, porque sentimos algo de artificial, de livreco, de europeu e um afastamento considerável dos dramas e problemas nacionais nos livros e estudos daqueles grandes escritores. A nossa geração sente a necessidade de conhecer melhor o Brasil, a terra, nossas insuficiências e fraquezas, para remediar falhas tão graves e profundas. E, afinal, apesar de muitos erros, somos mais realistas e práticos e tentamos orientar nossa inteligência para rumos mais elevados. E sentimos que Rui e Nabuco se afastaram demais da realidade brasileira, porque informaram seus espíritos em livros e autores europeus e norte-americanos, descuidando sobretudo a terra e o homem.

A prova cabal dessa observação, que pode parecer pretenciosa e audaz, mas é real, é que Nabuco foi um dos raros escritores brasileiros que não admirou "Os Sertões" e que acusou Euclides de escrever com cipó...

Realmente, o drama de Canudos inspirou um livro verdadeiramente revolucionário.

Diz o malogrado escritor Licínio Cardoso: "Ao escrever 'Os Sertões', SENTIU EUCLIDES O BRASIL AO AR LIVRE, viu, antes de tudo, a terra, e agindo sobre ela o homem" (1).

Foi exatamente essa novidade surpreendente na obra euclidiana que não agradou e nem podia agradar a Nabuco.

"O Brasileirismo foi o principal 'aspecto objetivo' da obra de Euclides da Cunha: a marca mais forte da sua personalidade em relação com a cultura científica e técnica do seu tempo e com a academicamente humanista, aristotélica ou platônica do passado, pela qual se alongou sua análise de estudiosos de problemas sociais" (2).

Os levantes sertanejos do Brasil sempre foram uma incógnita para os nossos historiadores. Eles nunca penetraram suas causas. E se limitaram a analisar, superficialmente, seus acidentes, falando muito em roubos, incêndios e depredações, com um aspecto meramente descritivo...

Antes de Canudos, outras sedições sertanejas, como as do balaio no Maranhão e cabanos no Pará, irrompem, tumultuosamente, no período regencial. Mas, ainda nestas foi Euclides o primeiro a indicar, com senso sociológico, suas verdadeiras causas nestas memoráveis palavras: "Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e do litoral. O raio civilizador refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos. O massivo de um continente compacto talhava uma fisionomia dupla à nacionalidade nascente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aqueles rudes patricios perdidos no insulamento das chapadas. Ao cabano, se ajuntariam no correr do tempo o balaio no Maranhão, o chimango no Ceará, o cangaceiro, em Pernambuco, nomes diversos de uma diátesis social única, que chegaria até hoje, projetando nos deslumbres da República a silhouettede trágica do jagunço". (3).

Embora resumisse, sumariamente, os levantes sertanejos do Maranhão e Pará, todavia, fez obra de fôlego em estudar o

movimento de Antônio Conselheiro, em Canudos, deixando uma obra impercível em nossa literatura, que é "Os Sertões". Estudo profundo e concienzoso da região nordestina brasileira, cujos problemas discutia e analisava com autoridade e critério, embora tenha um ponto de vista estreitamente racial, é um estudo notável, que faz uma profunda análise do ambiente social do Brasil, com a mais elevada imparcialidade. Denuncia, ao vivo, a desorganização nacional e na frase do seu próprio autor, é, infelizmente, "um livro de ataque".

A psicologia do sertanejo é feita em traços largos e firmes de profundo conhecedor. Um estilo vigoroso, terno e másculo é o complemento de toda essa obra genial.

Estuda, primeiramente, a terra, depois o homem. E afinal examinada cientificamente o movimento de Canudos. Mostra o isolamento dos sertões, distanciados do litoral por 4 séculos de civilização. Assinala a influência histórica do rio S. Francisco, que só mais tarde mereceria estudos mais desenvolvidos de Licínio Cardoso, Teodoro Sampaio, Noraldino Lima, Moraes Rêgo, Agenor Augusto de Miranda, Orlando Carvalho e Geraldo Rocha.

Descreve o drama pungente das sécas periódicas que flagelam o nordeste mostrando a ação destruidora do homem sobre a terra, fazendo o deserto e indica os meios que se devem usar para combater o deserto.

Aliás, em outros estudos, Euclides sempre mostrou particular interesse em ver o nordeste redimido de tão grande mal. E denunciava: "As sécas do extremo norte delatam, impressionantemente, A NOSTRA IMPREVIDÊNCIA, embora sejam o único fator de toda a nossa vida nacional ao qual se possa aplicar o princípio da previsão" (5). E indicava o seguinte plano de combate: conhecimento positivo da estrutura dos terrenos, acudagem em vasta escala, completada com trabalhos de nivelamento, obras relativos à permeabilidade ou inclinação dos extratos, até aos estudos da fisiologia vegetal, clamando: "Faz-se mister que este problema urgentíssimo das sécas seja um motivo para que demos impulso a uma tarefa, que é o mais belo ideal da nossa engenharia neste século: a definição exata e o domínio franco da grande base física de nossa nacionalidade." (6).

Entretanto, como sabemos, só foi no governo de Epitácio Pessoa, em 1919, que os governos do Brasil vieram tomar conhecimento do secular problema, criando-se, então, a Inspeção Federal de Obras Contra as Sécas...

"Os Sertões" analisam depois o drama de Canudos e a singular personalidade de Antônio Conselheiro, "anticlinal" do meio sertanejo, que "condenava o obscurantismo de três raças".

Entretanto, o Brasil inteiro parecia não compreender a tragédia das rebeldias matutas. Na Monarquia, cita Euclides um fato cômico: o Bispo da Bahia pedia ao Ministro do Império um lugar no Asilo dos Alienados, no Rio de Janeiro, para Antônio Conselheiro que pregava extranhas doutrinas nos sertões daquele Estado. E a resposta foi que era impossível atender tal solicitação, porque o Asilo não tinha vagas...

Na República, todavia ainda foi pior. Atribuiu-se ao drama de Canudos o objetivo de restaurar a monarquia abolida pouco antes. E no desastre da expedição do sinistro Moreira Cesar o povo do Rio de Janeiro empastelou jornais monarquistas e linchou o coronel Gentil de Castro como cúmplice dos jagunços...

Julgou-se a República em perigo...

O próprio Euclides participou da insânia coletiva, como demonstra o Diário de Canudos, que escreveu ao tempo em que estava no cerco de Canudos, como repórter de um jornal de S. Paulo. "Os Sertões" aparecem em 1903, 7 anos depois daquela tragédia, ou melhor, daquela grande crime. E nesse lapso de tempo, Euclides entreviu a realidade nacional e operou uma

(Conclue na pág. 12)